

# Uma carta para nós: racismo quotidiano e branquitude

*Memórias da Plantação: Episódios do Racismo Quotidiano* da artista plástica Grada Kilomba é apresentado nesta sexta-feira, na Hangar, em Lisboa, com a presença da autora que vive em Berlim e chega às livrarias uns dias depois, a 22 de Maio.

---

**Memórias da Plantação: Episódios do Racismo Quotidiano** ★ ★ ★ ★ ★

---

**Cristina Roldão**

17 de Maio de 2019, 8:28

[Oferecer artigo](#) 6



Grada Kilomba estará hoje em Lisboa para apresentar o seu livro CORTESIA DA ARTISTA/ZÉ DE PAIVA

*Memórias da Plantação: Episódios do Racismo Quotidiano* de **Grada Kilomba** é como uma carta que demorou muito tempo a chegar. Digo que tardou, não apenas pelo facto de a obra ter esperado 10 anos (a 1.ª edição é de 2008) para ser publicada em Portugal. Digo que tardou, porque antes de cá chegar andou por todo o mundo, em tantas línguas, para só agora ser publicada, pela mão da **Orfeu Negro**, no país onde Grada Kilomba nasceu

(1968), cresceu e se formou em psicologia e psicanálise. **Como diz a própria autora**, numa introdução especialmente dedicada à edição portuguesa, a obra não poderia ter chegado antes.

É sintomático que o livro chegue pela porta do **mundo das artes e cultura** e que, simultaneamente, esteja, praticamente, ausente na academia portuguesa. Quanto tempo demorará até que este livro possa fazer parte da bibliografia de referência de um cursos de ciências sociais e humanas? Mas regressa na hora exacta, num tempo em que já existe algum espaço para a reflexão e acção em torno da descolonização da sociedade portuguesa, apesar de todos os silenciamentos, da violência do racismo, do negacionismo que glorifica e romantiza o passado colonial, das fantasias lusotropicalistas, como se a expansão da “língua mais bonita” (*The Most Beautiful Language*, é o título irónico da 1.<sup>a</sup> exposição individual da autora em Portugal, Galerias Municipais/EGEAC, 2017), a dita “lusofonia”, tivesse sido e fosse indolor. A **(des)construção que Grada Kilomba faz do racismo** neste livro, ainda que escrito em Berlim e a partir das experiências de racismo de mulheres afro-alemãs, tem tudo a ver com Portugal, com os segredos que tem por contar (*Secrets to Tell*, exposição da autora no MAAT-Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, 2017) e, nesse sentido, é uma carta para nós.

A carta chega a tempo não só porque a perspectiva pós-colonial e decolonial ganhou terreno, ainda que marginal, mas porque o próprio feminismo negro e o movimento negro portugueses são hoje, finalmente, protagonistas, sem procuradores, de uma narrativa sobre quem são, que futuro colectivo projectam e como o querem construir. É importante perceber esta diferença dentro das perspectivas anti-racistas, reconhecer a importância da representatividade e do lugar de fala dos sujeitos racializados, para que possamos evitar processos de apropriação e coisificação de um movimento que se quer emancipador e livre das velhas redes coloniais que transformam o sujeito negro em algo exótico, capitalizável, um *entertainer* num palco branco.

**Assistimos hoje à emergência do feminismo negro português**, com múltiplos colectivos liderados por mulheres negras, e é interessante, aliás, a conexão que este trabalho de Grada Kilomba permite fazer com o surgimento do feminismo negro em Berlim na década de 1980. Audre Lorde viveu nessa cidade entre 1984 e 1992, envolvendo-se num movimento de mulheres afro-alemãs que começavam a procurar formas de articulação da sua voz e da sua experiência. Desse movimento, no qual destacamos Katharina Oguntoye e May Ayimm, surgirá, em 1986, o livro: *Mostrando as Nossas Cores: Mulheres Afro-alemãs falam* (tradução livre de *Farbe bekennen*).

É uma carta para pessoas negras, como a autora, as entrevistadas e como Philomena Essed, Frantz Fanon e **bell hooks**, referências teóricas centrais deste trabalho. A mudança da pergunta “o que te fizeram?” ou “o que fizeste perante isso?” para “o que te fez o racismo?” possibilita uma narrativa que retira do centro a branquitude, deixando de ser o princípio organizador do discurso. Escrita num estilo literário, com especial atenção à língua e ao seu poder “*de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência*” (pp.9), a obra dissecar inúmeros episódios de racismo quotidiano expondo os mecanismos psíquicos que o constroem. Sem deixar de reconhecer a dimensão estrutural e institucional do racismo, Grada Kilomba desmascara os processos psíquicos de reencenação constante das relações coloniais nas interacções quotidianas.

Essa reencenação representa um choque profundamente traumático para as pessoas negras, que no seu dia-a-dia são sistemática e violentamente reenviadas para os lugares que lhes eram atribuídos nas relações coloniais. Trata-se de uma projecção do passado no presente e do presente no passado, repetida *ad nauseum*, através de uma cadeia de imagens e significados que se estendem de lá para cá. Não são meros restos do passado que se colam, já sem sentido, aos gestos, categorias, papéis e relações de hoje. A reencarnação desse passado colonial alimenta relações de poder no quotidiano; define quem é excluído do imaginário da nação e da autoridade na produção de conhecimento; define quem serve e quem é servido, quem é limpo e civilizado, quem é exótico e sexualmente degradado, quem é sujeito e quem é objecto, no fundo, quem é humana/o.

Nesta constante captura nas fantasias coloniais projectadas sobre si, a identidade das pessoas negras fica como que suspensa à medida que são transformadas na tela de projecções dominantes e degradantes e que lhe é imposto um olhar sobre si que não é o seu próprio. Presas num jogo de interacções em que a única forma de existirem - e lembremo-nos que existir é sempre relacional - é através das categorias coloniais, os processos de alienação e despersonalização tomam lugar. A autora deixa-nos não só um mapa destes mecanismos, mas também pistas para um processo de descolonização interior.

É também uma carta para pessoas brancas, que ao lerem este livro, sentirão com certeza o desconforto de, ao contrário do que é costume, não serem o centro da narrativa e mesmo as melhor intencionadas encontrarão duras facetas de si neste trabalho. É que, para Grada Kilomba, **o racismo é branquitude, poder, não é falta de informação**. Através de mecanismos psíquicos como a projecção, a dissociação, a repressão e a regressão as pessoas brancas negam para si mesmas, sem que se apercebam muitas vezes, a existência do racismo e o privilégio que daí retiram, negam facetas suas que recusam reconhecer.

Como refere a autora, “este percurso de consciencialização coletiva, que começa com a negação - culpa - vergonha - reconhecimento - reparação, não é de forma alguma um percurso moral, mas um percurso de responsabilização. A responsabilidade de criar novas configurações de poder e de conhecimento” (pp.6), e este livro é, sem dúvida, parte desse processo.

*Cristina Roldão vai estar à conversa com Grada Kilomba nesta sexta-feira, às 21h, no Hangar, em Lisboa.*